

UMA GOTA

Karla Menezes Lopes NIELS¹

Resumo:

Tradução do conto “Una goccia”, de Dino Buzzati (1906-1972), escritor e jornalista italiano influenciado por influência de Franz Kafka, Jean-Paul Sartre e de Albert Camus. Em seus contos, explora uma visão fantástica e absurda do real – um fantástico kafkaniano. Publicado pela primeira vez em *Paura alla Scala* em 1949 e republicado na coletânea *Sessanta racconti* em 1958, “Una goccia” ao contar a história dos moradores de um prédio que se apavoram com uma gota’água que, durante a noite, sobe as escadas, aborda um tema aparentemente insignificante, mas que trabalha com os mais instintivos dos sentidos humanos: o medo. Na sua tradução, optamos por uma tradução literária que facilitasse a leitura e a compreensão do texto, entretanto, respeitando a sua forma original.

Palavras-chaves: tradução, narrativa italiana, medo, una goccia, Dino Bruzzati

Abstract:

Translation of the short story "Una goccia", Dino Buzzati (1906-1972), Italian journalist and writer influenced by the influence of Franz Kafka, Jean-Paul Sartre and Albert Camus. In his short stories, explores a fantastic sight of the real and absurd - an amazing kafkaniano. First published in *Paura alla Scala* in 1949 and republished in *Sessanta racconto* in 1958, "Una goccia" tells the story of the inhabitants of a building with a panic drop of water, on the night, go up the stairs, addresses a seemingly insignificant theme, but works with the most instinctive of human senses: the fear. In his translation, we chose a literary translation that facilitates the reading and understanding the text, however, while respecting their original form.

Keywords: translation, Italian narrative, fear, una goccia, Dino Bruzzati

Uma gota d’água sobe os degraus da escada. Está ouvindo? Deitado sobre a cama, imerso na escuridão, ouço o seu misterioso caminhar. Como faz? Saltita? Tic, tic, se ouve incessantemente. Depois a gota para e, talvez, pelo resto da noite não se faça

¹ **Karla Menezes Lopes NIELS**, Mestranda de Literatura Brasileira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Campus Maracanã.
Bolsista CAPES
Karla.niels@gmail.com

ouvir. Todavia, sobe. De degrau em degrau vem para cima², diferentemente das outras gotas que caem perpendicularmente, obedecendo religiosamente à lei da gravidade, e ao fim fazem um pequeno rumor seco e vibrante, bem conhecido de todo mundo. Esta não: devagarzinho, devagarzinho, se eleva ao longo das escadarias. E do vasto prédio³.

Nós adultos, refinados, sofisticadíssimos, não estávamos prestando atenção à ela. Ao contrário de uma empregada do primeiro andar, uma criatura esquelética e ignorante que se dá conta uma noite quando já era bastante tarde e todos já estavam dormindo. Depois de um tempo, inquieta, levanta da cama e corre para acordar a patroa.

–Senhora – sussurrou – Senhora.

– Que há! – Disse a patroa acordando bruscamente. – Que está acontecendo?

– Há uma, senhora, uma gota que vem pela escada!

– Que coisa? – Perguntou a outra, perplexa.

– Uma gota que sobe pela escada! – Repete a empregada, quase começando a chorar.

– Vai, vai. – Ordenou a patroa – Está doida? Volta pra cama, ora essa! Você bebeu, é isso, sua sem-vergonha. É por isso que quando amanhece não mais tem vinho na garrafa! Porca deplorável⁴! Se vê logo! – Mas a essa altura a menininha desmazelada já tinha fugido e se enfiado debaixo das cobertas.

– Quem sabe que outras coisas não vieram à mente daquela estúpida – pensava depois a patroa, em silêncio, uma vez que já havia perdido o sono. E, escutando, involuntariamente, a noite que dominava seu mundo, também ouviu o curioso som. Uma gota que subia a escada, positivamente.

Preocupada com a ordem, por um instante, a senhora pensou em sair para ver o que acontecia. Mas que coisa poderia encontrar com a fraca luz das lâmpadas quase se apagando, suspensas sob o parapeito das escadas? Como encontrar uma gota em plena noite, com aquele frio, ao longo de lances de escada tão tenebrosos?

² **Nota do tradutor:**

Neste trecho optei traduzir a expressão “su” literalmente para preservar a ambiguidade: A gota sobe as escadas encaminhando-se na direção dos moradores e do narrador.

³ **Nota do tradutor:**

No original italiano “casamento” que em português significa, literalmente, casario. Entretanto, os “casamentos” italianos são mais que simples casarios ou vilas. São conglomerados de pequenos prédios geralmente localizados em áreas mais pobres.

⁴ **Nota do tradutor:**

A expressão italiana “brutta sporca”, no original, quer dizer em ‘bom português’, nojenta. Optei pela tradução quase literal, pois esta enfatiza o rude tratamento dado à empregada.

Nos dias sucessivos, no ‘boca a boca’, os comentários se espalharam lentamente. Agora todos sabiam no prédio, mesmo se preferissem não falar sobre assunto, como se fosse uma coisa estúpida de que deveriam se envergonhar. Ora muitos ouvidos permaneciam tensos, na escuridão, quando a noite caía oprimindo o gênero humano. E, há quem pense uma coisa e quem pense noutra.

Certas noites a gota fica em silêncio. Outras vezes, ao contrário, por longas horas não faz outra coisa senão deslocar-se rapidamente, subindo, subindo, como se dissesse a todos que não pararia mais. Disparam os corações no momento em que o frouxo passo da gota parece tocar a soleira das portas. Menos mal, não parou. Eis que ela se distancia, tic, tic, aproximando-se do piso superior.

O que eu sei de concreto é que os inquilinos do sobrado pensam que já estão em segurança. A gota – eles crêem – já passou pelas outras portas, não haverá outra ocasião para perturbá-los; outros, como eu que estou no sexto andar, tem agora motivos de inquietação. Não mais que eles. Mas quem lhes disse que nas próximas noites a gota não fará o caminho do ponto de onde parou na última vez, ou de preferência não recomeçará do princípio, iniciando a viagem dos primeiros degraus, sempre úmidos e escuros de tanta sujeira impregnada? Não, nem mesmo eles podem se manter seguros.

De manhã, saindo de casa, vê-se atentamente se foi deixado qualquer rastro na escada. Nada, como era previsível, não há o menor traço dela. De manhã quem levará esta história a sério? Sob o sol da manhã o homem é forte, é um leão mesmo se pouco antes morria de medo.

Será que aqueles do sobrado tinham razão? Nós de resto, que primeiro não ouvíamos nada e nos considerávamos imunes, em algumas noites nós escutamos alguma coisa. A gota está agora distante, é verdade. Até nós o que chega é um barulhinho levíssimo, tênue, ecoado através das paredes. Todavia é evidente que ela está subindo e que está cada vez mais próxima.

Também não adianta dormir num apartamento mais adentro, longe do vão da escada. É melhor ouvir o rumor, em vez de passar as noites na dúvida se ela está ou não ali. Quem mora naqueles apartamentos, às vezes não resiste, escapa do silêncio dos corredores e se encontra no vestíbulo, no frio, atrás da porta, prendendo a respiração, escutando. Se a ouve não ousa mais se afastar, escravo de indecifráveis medos. O pior,

naquele momento, portanto, é se tudo está tranquilo. Neste caso como não pensar que, apenas voltassem a se deitar, que naquele mesmo momento não recomeçaria o ruído?

Que estranha vida, então. E não poder fazer reclamações, nem procurar saídas, nem encontrar uma explicação que amenize os ânimos. E não poder nem mesmo persuadir os outros, dos outros apartamentos, os quais de nada sabem. Mais que coisa seria esta gota? – perguntam com exasperante boa fé – um rato talvez? Um sapo que saiu da adega? Não, verdadeiramente, não.

E agora – insistem – seria por acaso uma alegoria? Se desejassem, por assim dizer, simbolizaria, a morte? Ou algum perigo? Ou os anos que passam? Nada de fato, senhores: é simplesmente uma gota, só que vem subindo pela escada.

Ou, mais sutilmente, se pode entender como a representação dos sonhos e das fantasias? As terras longínquas dos sonhos onde se pressupõem felicidade? Alguma coisa de poético, afinal? Não, absolutamente.

Ou então, os lugares mais longínquos, nos confins da terra, os quais jamais alcançaremos? Mas não, vos digo, não é uma piada, não há duplos sentidos, trata-se, infelizmente, apenas de uma gota d'água, de acordo com o que se pode presumir, que vem de noite subindo pela escada. Tic, tic, misteriosamente, de degrau em degrau. E, por isso, sentimos medo.

Referências Bibliográficas

BRUZZATI, Dino. “Una goccia”. In: *Paura alla Scala*. Oscar Mondadori: Milano, 1949.

BRUZZATI, Dino. “Una goccia”. In: *Sessanta racconti*. Oscar Mondadori: Milano, 1958